



NA COR VERMELHO CARMIM ESCARLATE: UM BREVE FOCO EM ESCRITURAS DAS AFRO-BRASILEIRAS ELISA LUCINDA E NEGA GIZZA

Diony Maria Soares¹

Esse trabalho propõe reflexão sobre escrituras criadas, respectivamente, por Elisa Lucinda e Nega Gizza. Duas mulheres afro-brasileiras. Um texto cultural de cada uma. Do livro *O Semelhante* foram pinçados versos de *Safena*. Do disco *Na Humildade*, a letra de *Prostituta*. A intenção é fazer uma incursão no tema relações de gênero, tendo em vista o seu complexo cruzamento com questões étnico-raciais. Como ferramentas básicas: análises de aspectos relacionados a mulheres negras na diáspora (Barbara Christian e bell hooks), sugestões sobre a pós-modernidade (Zygmunt Bauman), a perspectiva foucaultiana de poder.

Começo com uma breve revisão introdutória sobre a terceira onda do movimento feminista, na qual a presença de escritoras afro-descendentes é fundamental. Nascida durante os anos 80 do século XX, a terceira onda analisa criticamente a tendência das feministas das décadas de 60 e 70 de usarem um conceito generalizado de mulher. As feministas da terceira onda centram-se nas implicações práticas e teóricas das diferenças entre as mulheres relativas à distribuição desigual de bens e serviços, advinda da hierarquia do sistema mundial, à raça, à etnia, à classe e à orientação sexual. Destacam-se neste segmento, escritoras e teóricas afro-americanas, entre elas, Alice Walker, bell hooks, Gayl Jones, Ntozake Shange, Paule Marshall, Toni Morrison. Já em meados da década de 90, bell hooks analisava os percalços enfrentados por afro-americanas que se aventuram escolher trilhar por caminhos do trabalho intelectual.

Paralelo a isso, no Brasil contemporâneo ainda é baixa a visibilidade de mulheres negras reconhecidas como escritoras legítimas. Segmentos especializados eventualmente pontuam a produção realizada por Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães e Miriam Alves, entre outros poucos nomes. Provavelmente, no entanto, a obra de Carolina Maria de Jesus continue sendo o referencial mais significativo, com destaque para o célebre livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960 e traduzido em pelo menos 13 idiomas.

Dito isso, é preciso demarcar que a abordagem aqui proposta não é a dos Estudos Literários. Incursões livres por tal campo teórico podem ser bem-vindas, mas me agradam mais aproximações

¹ Doutoranda em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.



com os territórios dos Estudos Culturais, em especial aspectos relacionados com as produções culturais na sociedade de controle midiaticizada.

Quando utilizo a palavra escritura, tenho em mente uma noção que abranja livremente textos culturais escritos por sujeitos afro-brasileiros, em especial as mulheres. Chamar escritura, a meu ver, abre possibilidades que sobrepujam tentativas de confinamento em cercadinhos hegemônicos. Contextualiza a análise.

Primeiro, porque o valor do ingresso para o cânone literário nacional é impagável para representantes de grupos que essa metanarrativa da modernidade silencia, em especial, por intermédio de taxonomias relativas ao gênero, à etnia, à raça, à classe, à faixa etária, etc. O que torna contestável o pacto com o discurso sobre o que é considerado literário e o que não é. As construções discursivas, Foucault já esmiuçou, visam regimes de verdades tendo em vista o poder. Barbara Christian (2002, p.88), crítica afro-americana, sintetiza a questão em artigo sobre disputas de teorias: “a literatura é necessariamente política”.

Segundo, porque há muita potência nas palavras escritas por mulheres afro-brasileiras identificadas com a produção da musicalidade popular nacional. Sendo possível inferir o alcance cultural de algumas dessas obras a partir da legitimação por parte da mídia hegemônica. Jurema Werneck aborda este legado:

Ao longo de minha pesquisa de doutoramento, pude acompanhar as diferentes trajetórias de mulheres negras na música popular brasileira, a partir de fins do século XIX até hoje. Um dado de destaque está no fato de ser a cultura de massa, especificamente a música popular e sua indústria, o espaço público de maior presença e expressão pública de mulheres negras no Brasil e em toda a diáspora africana. Tal fato não deve ser interpretado como mera coincidência.²

Cabe lembrar ainda que a escassez de mulheres negras em espaços midiáticos hegemônicos em geral é um processo que está naturalizado, por conta de uma situação na qual racismo e sexismo estão imbricados. Quadro constatado por vários trabalhos, entre eles, os produzidos por Almada (1995), Araújo (2000), Alvarenga (2007) e Soares (2008; 2009).

Diante disso, ganham densidade esforços para dar visibilidade política a iniciativas emblemáticas que tenham merecido o holofote da mídia contemporânea, sendo manifestação de pensamentos de mulheres afro-brasileiras, expressões sobre formas próprias de ver a vida, opiniões. As palavras escritas, esse poderoso discurso ocidental.

A reflexão aqui proposta sobre escrituras criadas por mulheres afro-brasileiras tem em vista livres deslocamentos: literatura, música popular, questões de gênero, relações étnico-raciais. Tudo

² WERNECK, Jurema. *Nossos passos vêm de longe!* Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: WERNECK, Jurema (org.). *Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Criola. 2008, p.82.



pode ser deslocado quando se trata da construção de textos fronteiriços, que escorrem pelas fendas, aparentemente sem a preocupação com o estabelecimento de contra-narrativas ou de narrativas que visem tecer grupos no tempo e no espaço, no sentido das comunidades imaginadas propostas por Benedict Anderson. Quando a diferença é o tempero principal, tudo pode entrar como ingrediente básico. E é exatamente neste sentido que o espanto e a subversão do jogo do poder podem acontecer.

Safena é um poema de amor

“Sabe o que é um coração / Amar ao máximo de seu sangue? / Bater até o auge seu baticum? Não, você não sabe de jeito nenhum. / Agora chega. Reforma no meu peito!” Com esses versos, Elisa Lucinda abre o poema intitulado *Safena*, publicado, em 2002, no livro *O Semelhante*.

Safena é um poema de amor. Da busca do amor metaforizada como reforma na casa. Reforma sendo coisa inclusa nas práticas do privado, quase íntima ou inteiramente íntima. O pedreiro que chega, a passagem de verniz nos móveis, a vassoura, o rodo, o aspirador no tapete.

Barbara Christian, em revisão do processo ocorrido durante os anos 60 do século XX para a construção de um suporte teórico para as Artes Negras nos EUA, destaca que, na época, algumas formas de escrita foram criticadas como sendo menos negras. Segundo informa Christian (2002, p.92), em última análise, tal entendimento alijou alguns temas, entre eles, o amor. “Dizia-se aos escritores que escrever poemas de amor era não ser negro.”

Em abordagem sobre o tema amor, bell hooks (2000, p.188) explicita de forma confessional: “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma das nossas verdades privadas que raramente é discutida em público”. Sugestivamente, romances publicados nos primeiros anos do século XXI pela própria hooks (*Salvation: black people and love*, 2001) e pela também escritora afro-americana Toni Morrison (*Love*, 2003) abordam o amor já no título.

Elisa Lucinda fala de amor por intermédio de uma escritura atravessada pela narrativa coloquial com forte tom autobiográfico, quase epistolar. O texto pode ser lido pelas lentes de um dos mais potentes pré-requisitos da pós-modernidade, segundo sugere Zygmunt Bauman (1998): a liberdade. As questões de gênero e étnico-raciais estão lá o tempo todo, mas a escritura é híbrida. As fronteiras são flexíveis. A saudação é feminina, ecumênica atemporal, sincrética. A opção pelo termo “mulatice” certamente causa mal-estar aos afro-ativistas politicamente corretos.

[...]



Iansã, Oxum, Afrodite, Vênus e Nossa Senhora
apertem o cintos
Adeus ao sinto muito do meu jeito
Pitos ventres pernas
aticem as velas
que lá vou de novo na solteirice
exposta ao mar da mulatice
à honra das novas uniões
[...]

A escritura negocia com o cotidiano universal sem cair nas armadilhas da universalização e da homogeneidade. Admite continuidades, mas provoca descontinuidades e rupturas no discurso hegemônico, masculino e branco, das quais se sobressai a opção por ser sujeito protagonista e não objeto subalterno. Afirma o empoderamento emancipatório a partir da opção pela possibilidade do exercício da liberdade de escolha, em especial, a escolha pela auto-estima e pelo poder de cura da multiplicidade da afetividade.

[...]
Vai começar o banquete
de amar de novo
Gatos, heróis, artistas, príncipes e foliões
Façam suas inscrições.
Sim. Vestirei vermelho carmim escarlate
O homem que hoje me amar
Encontrará outro lá dentro
Pois que o mate.

Prostituta é uma letra de amor?

Passemos agora para uma breve panorâmica da letra da composição *Prostituta* que integra o disco *Na Humildade*, lançado por Nega Gizza em 2002. *Prostituta é uma letra de amor. Prostituta é uma letra de amor?* A meu ver, a autora fala de amor por intermédio de uma longa narrativa que aborda vários aspectos vinculados a carência do amor. O texto começa focalizando a sociedade de controle/consumo midiaticizada:

Ontem vi um anúncio no jornal,
Vi na TV, no outdoor em digital.
Pedi as mulheres com o corpo escultural
Pra dar prazer a homens, mulheres e até casal,
Mas na real o que eu quero é ser artista.
Dar autógrafa, entrevista.
Ser capa de revista.
Quero ser vista
Bem bonita na televisão.
Role de carro e não mais de camburão, não.
[...]



Na escritura de Nega Gizza, a subjetividade afetiva, o discurso hegemônico da sexualidade feminina e a questão de classe estão imbricados. A prostituta pobre da narrativa segue à risca os moldes da modernidade na qual o sexo foi utilizado para articular mecanismos de poder e controle social. A puta é a mulher-impura que afirma a pureza da “mulher-moralmente correta”. A identidade marginal é fixa, sendo perpassada por um tenso e contraditório processo de auto-imagem, no qual a baixa auto-estima e a culpa ficam evidentes. A puta pobre é uma mulher brutalizada, sem rede de proteção, humilhada pela falta de poder e por ver sempre frustrado o seu desejo de ser cidadã-consumidora. Culpada por ser uma pessoa falha que não pode exercer a liberdade de escolha, está condenada a ser uma sem-lugar.

[...]
Aos 16, só curtição, pensava em nada.
Hoje aos 23, neurose a mil, só transa angustiada.
Aos 33, quem sabe velha arrependida.
Aos 43, só no esqueleto recordo a vida.
Minha puta vida reflete o desespero.
[...]

Ao dar voz na primeira pessoa para a mais excluída das mulheres: a prostituta pobre, a escritura de Nega Gizza escancara a relevância de abordagens múltiplas para a multiplicidade de experiências que perpassa as relações de gênero. Cutuca em tensões internas ainda presentes nos territórios feministas. Faz uma radical ruptura no processo de autorização da fala.

As mulheres, como explicitou Elaine Showalter (1994, p.49), a partir de análise feita pelos antropólogos Shirley e Edwin Ardener sobre a cultura feminina, constituem um grupo silenciado. Diante disso, segundo Showalter, para algumas críticas feministas a questão principal é “fazer o silêncio falar”.

Na mesma direção de raciocínio, Barbara Christian (2002, p.87) destaca pessoas que falam e escrevem às surdinas, entre elas, os afro-descendentes e as feministas, sugerindo que para essas pessoas o ato de escrever é “o alimento necessário para seus povos e a forma pela qual esses passam a compreender melhor suas próprias vidas”.

O silêncio grita na letra de *Prostituta*:

[...]
Sou retrato três por quatro desse povo brasileiro
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro
(Sou puta sim vou vivendo do meu jeito
prostituta atacante vou driblando o preconceito) 4x
[...]
Você acha que é falta de moral, promiscuidade excessiva
Seja puta dois minutos e sobreviva
Tenho um sonho, amor e vaidade
Um teco ajuda a suportar a enfermidade



As famílias me odeiam por causa da luxúria,
mas só vendo minha carne e meu carinho a quem me procura
Entre logo e feche a porta meu cliente.
[...]

Considerando mais um pouco

Tendo em vista a consolidação do exercício do poder, na perspectiva foucaultina de poder que circula, funciona em cadeia e passa pelo indivíduo, sendo esse o seu centro de transmissão, as escrituras analisadas neste trabalho apontam para o empoderamento de duas representantes de uma personagem social com identidade supostamente marcada pela invisibilidade: a mulher afro-brasileira.

Focalizar textos culturais escritos por mulheres afro-brasileiras, a partir de uma abordagem aberta a deslocamentos, subverte aspectos binários que, no caso em questão, podem resultar em uma sucessão de desdobramentos: cânone literário nacional / literatura afro-brasileira; literatura afro-brasileira / literatura produzida por mulheres afro-brasileiras; literatura produzida por mulheres afro-brasileiras / letras de música popular escritas por mulheres afro-brasileiras; letras da música popular reconhecida como legítima / letras de composições musicais populares não-hegemônicas, etc., etc.

Um binarismo que, ao ser afirmado, obriga sujeitos afro-brasileiros, em geral, e mulheres afro-brasileiras, em especial, a verem as suas produções culturais em uma eterna posição de subalternidade. Uma perspectiva que desconsidera a potência das narrativas escritas por afro-brasileiras, tendo em vista especificidades já detectadas neste sentido. O que, em última análise, põe em risco um dos maiores legados da diáspora africana: a heterogeneidade e a multiplicidade de experiências.

Bibliografia

ALMADA, Sandra. *Damas negras: sucesso, lutas, discriminação: Chica Xavier, Léa Garcia, Ruth de Souza, Zezé Motta*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

ALVARENGA, Nilson Assunção *et al.* *A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento*. Revista Científica Centro Universitário Barra Mansa, Barra Mansa, v. 9, n. 17, jul. 2007. p.80-88. Disponível em: [http://www.ubm.br/ubm2007/.../revista/.../A mulher negra no cinema.pdf](http://www.ubm.br/ubm2007/.../revista/.../A%20mulher%20negra%20no%20cinema.pdf). Acesso em: 12/06/2009.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC, 2000.



BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CHRISTIAN, Barbara. *A disputa de teorias*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 1. 2002. p.85-97. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11630.pdf> Acesso em: 01/11/2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GIZZA, Nega. <http://www.negagizza.com.br>

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Mailsa; WHITE, Evelyn. (orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2000.

LUCINDA, Elisa. *O Semelhante*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994, p.23-57.

SOARES, Diony Maria. *Que preta é essa?* Um breve estudo sobre personagens interpretadas por uma atriz negra considerada pioneira no Brasil. 2009. 15 páginas. Anais da II Reunião Equatorial de Antropologia e XI Reunião de Antropólogos do Norte – Nordeste. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN).

SOARES, Diony Maria. *Síndrome de Zilda*: propondo uma ferramenta para análise da representação de mulheres negras pela mídia brasileira. 2008. 07 páginas. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero VIII. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).